

MULHERES NA REDE: UNIFORMES ESPORTIVOS EM DISCUSSÃO

Women on the net: sports uniforms under discussion

Tavares, Marcelo; Dr.; Universidade Federal de Juiz de Fora, marcelo.tavares@estudante.ufjf.br¹

Braida, Frederico; Dr.; Universidade Federal de Juiz de Fora, frederico.braida@ufjf.br²

Laboratório de Estudos das Linguagens e Expressões na Arquitetura, no Urbanismo e no Design³

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir o uso dos uniformes esportivos femininos nos dias de hoje. Através de entrevistas realizadas em evento on-line com cinco mulheres atuantes nas áreas de Comunicação, Esporte e Moda, tendo o voleibol como pano de fundo, são abordados alguns aspectos relacionados à mulher no contexto social, profissional e midiático. Conclui-se que os uniformes também são instrumentos de poder e que a participação feminina em decisões que dizem respeito à mulher ainda tem sido objeto de discussão.

Palavras-chave: Gênero; esporte; midiaticização.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the use of women's sports uniforms nowadays. We address some aspects connected with women in the social, professional, and media context through interviews conducted in an online event with five women working in the areas of Communication, Sport, and Fashion, with volleyball as a backdrop. We conclude that uniforms are also instruments of power and that women's participation in decisions concerning women is still an object of discussion.

Keywords: Gender; sport; mediatization.

Introdução

Mulher, esporte e mídia formam uma tríade importante para discutir questões contemporâneas com foco nos uniformes esportivos usados por mulheres-atletas. A partir de uma roda de conversa realizada de forma on-line com ex-atletas de voleibol, jornalistas e designer de moda, o principal objetivo do evento “Mulheres na rede” foi discutir como o campo de trabalho da mulher no esporte e os uniformes esportivos usados por mulheres atletas são abordados na mídia. Dessa forma, ampliou-se as discussões acerca do tema dos uniformes, que, para muitas atletas, possui caráter machista e impositivo, tendo em vista que elas não participam da concepção desses uniformes e, muitas vezes, são obrigadas a usá-los, ainda que estejam se sentindo desconfortáveis. De fato, os

¹ Jornalista e Educador Físico. Mestre em Educação Física (UFJF/UFV). Doutor em Urbanismo (UFRJ). Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Pesquisador nos núcleos LEAUD/CNPq/UFJF e GECOS/CNPq/UFRJ.

² Arquiteto e Urbanista. Mestre em Urbanismo (UFRJ). Mestre, Doutor e Pós-doutor em Design (PUC-Rio). Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Líder de pesquisa no núcleo LEAUD/CNPq/UFJF.

³ Página do LEAUD no Diretório de grupos do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1229153089207096>.

uniformes são um componente primordial dos esportes: denotam unidade, organização e criam uma relação de proximidade com o público que assiste. Esses uniformes, que também possuem um caráter identitário, precisam estar adequados à modalidade esportiva a qual se destinam. Para que isso ocorra de forma plena, no entanto, além de favorecer os movimentos e deixar as atletas confortáveis, os uniformes precisam elevar a autoestima das mulheres-atletas, e não o contrário.

A metodologia adotada tem na entrevista e na pesquisa documental seus subsídios fundamentais para a abordagem qualitativa e exploratória do estudo aqui discutido, que é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento em Comunicação. Foram entrevistadas, no ano de 2022, cinco mulheres com diferentes formações e atuações (Figura 1).

Figura 1: “Flyer” de divulgação do evento, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

(1) Lica Oliveira, jornalista, atriz e ex-atleta da seleção feminina de voleibol nos anos 1980, com participação nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Seul (1988), em entrevista realizada no dia 20 de junho.


(2) Ana Richa, profissional de Educação Física e ex-levantadora da seleção brasileira, com duas participações olímpicas (1984 e 1988). Também representou o Brasil no vôlei de praia (Jogos Panamericanos de Santo Domingo, 2003). Atualmente é técnica de voleibol e sua entrevista foi realizada no dia 21 de junho.

(3) Tatiana Ribas, profissional de Educação Física e mestranda em Sociologia do Esporte. É técnica de voleibol e participou das últimas três edições da Superliga Nacional de Voleibol como assistente técnica da equipe Curitiba Vôlei.

(4) Renata Miranda, jornalista e mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trabalhou por mais de quinze anos na TV Integração, afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora e atualmente trabalha na TV Câmara, onde chefia uma equipe de jornalistas.

(5) Dani Brito (grafia escrita assim, a pedido da entrevistada), estilista, mestre em Arte e Cultura Contemporânea. Atualmente é professora de graduação nos cursos de Design de Moda e Gráfico, no Centro Universitário Estácio, de Juiz de Fora. Também é ilustradora, designer e artista multilinguagens há mais de dez anos.

Todas as entrevistas estão disponibilizadas no Instagram do PPGCOM/UFJF (ver: <https://www.instagram.com/tv/CfC7aNqj1j4/?igshid=MDJmNzVkMjY=>) (Quadro 1). No início de cada entrevista foi solicitada a autorização para uso das imagens e conteúdo das conversas, o que foi prontamente aceito pelas cinco entrevistadas. Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas e analisadas, para extração das ideias principais que organizam os assuntos aqui evidenciados: a participação da mulher no cenário esportivo, o uniforme esportivo usado pela mulher atleta e como elas analisam todas essas repercussões na mídia.



Quadro 1: Quadro das entrevistas, 2022.

Entrevistada	Profissão	Data da entrevista
Lica Oliveira	Jornalista, atriz e ex-atleta olímpica	20/6/2022
Ana Richa	Técnica de Voleibol e ex-atleta olímpica	21/6/2022
Tatiana Ribas	Técnica de Voleibol	22/6/2022
Renata Miranda	Jornalista	23/6/2022
Dani Brito	Estilista e professora de moda	24/6/2022

Fonte: os autores, 2022

Destacam-se como descobertas principais, que se sintetizam neste artigo, a evidência do papel secundarizado da mulher como atleta e gestora nas decisões que se relacionam ao âmbito esportivo, com efeitos para a prevalência de uniformes muitas vezes descontextualizados das aspirações das atletas e com duvidoso apelo midiático. Outra descoberta relevante foi a importância da opinião da mulher-atleta na coleta de dados do estilista antes da criação do uniforme; isso evitaria transtornos, traria inclusão e muito provavelmente geraria mais satisfação entre as mulheres, que efetivamente são (ou deveriam ser) as protagonistas.

Este artigo se apoia em discussões teóricas sobre a moda e a comunicação para melhor compreensão das relações sociais (BERNARD, 2003) e do corpo exibido para gratificação (GAGO, 2016). No esporte, há antecedentes históricos com essa temática desde o início do século XX (SOARES, 2011) e que possui desdobramentos cada vez mais midiáticos como valor cultural intrinsecamente relacionados ao capital (SODRÉ, 2006). Destacam-se autores que abordam questões gerais relacionadas ao voleibol (AFONSO, 2004; KOCH, 2005; ROMARIZ, 2010) ou específicas do voleibol feminino (TAVARES; MOURÃO, 2016), dentre outros.

Espera-se, com a realização desse estudo, que as questões que tanto vêm repercutindo na mídia recentemente tenham impacto não só para ampliação da discussão no âmbito social, mas, também, no aspecto prático, com a incorporação das opiniões das mulheres para as tomadas de decisão. Afinal, embora sejam elas as que mais entendem do tema, são as que menos ocupam postos

estratégicos e as que mais poderiam contribuir para modificação de um cenário hegemonicamente masculino, com forte viés machista.

O Uniforme Esportivo do Voleibol Feminino

O vôlei surgiu em 1895, na cidade de Holyoke, Massachusetts, nos Estados Unidos (KOCH, 2005) e chegou ao Brasil, em 1911, pela ACM de Recife (CBV, 2018). A partir dos anos 1920, a modalidade se difundiu nas praias de Santa Mônica, na Califórnia (AFONSO, 2004) e na mesma década já estava sendo praticado nas praias de Copacabana, no Rio de Janeiro (TAVARES, 2020). Há registros que nos anos 1900, as mulheres jogavam vôlei ao ar livre com roupas comuns e nos anos 1950, registro de mulheres uniformizadas para jogar vôlei na praia de Copacabana (TAVARES, 2016).

Figura 2: Vôlei jogado ao ar livre, 1900.



Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/volei/superliga-feminina/de-1900-a-2013-veja-evolucao-dos-uniformes-do-volei-feminino,4619d5a8fcde1410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>.

Acesso em: 20 ago. 2022.

Em 1964, o voleibol foi introduzido nos Jogos Olímpicos, em Tóquio, Japão. Naquela ocasião, apenas o naipe masculino brasileiro participou da competição. A disputa pela medalha de ouro, no naipe feminino, foi entre as equipes de União Soviética e Japão (ROMARIZ, 2010). Nota-se o uso de uniformes básicos: camiseta e “short” largo (equipe japonesa) e “sunquini” (equipe soviética).

O ano de 1980 marcou a primeira participação do vôlei feminino do Brasil nos Jogos Olímpicos e não havia patrocínio no uniforme. Em 1984 (Los Angeles) e 1988 (Seul), a marca do patrocinador esportivo já aparecia do lado esquerdo do uniforme (TAVARES, 2015).

Figura 3: Uniforme dos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980.



Fonte: Acervo pessoal.

A composição básica dos uniformes femininos de voleibol da seleção brasileira, desde o início da sua participação olímpica, em 1980, até os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, sempre foi o sunquíni (ou a chamada “sunga”) com a camisa, que alternava mangas curtas e compridas, conforme exemplo em foto acima. A mudança para o uso do short combinado com blusa de manga curta ocorreu somente nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim, a seleção brasileira de voleibol feminino foi campeã olímpica pela primeira vez na história e o uniforme usado foi short e camiseta sem manga (TAVARES; MOURÃO, 2016).


Os uniformes da seleção brasileira feminina de vôlei, que conquistou novamente a medalha de ouro em Londres, em 2012 e nos Jogos do Rio, em 2016, quando não conquistou medalha, mantiveram o padrão “short-camiseta”. Nos últimos jogos realizados, em Tóquio, excepcionalmente, em 2021, por causa da pandemia do Coronavírus, o Brasil conquistou a medalha de prata e nota-se a volta das cores azul e amarelo e a manutenção do padrão “short-camiseta” (TAVARES; BRAIDA, 2021).

Sobre os uniformes usados atualmente, Lica Oliveira comentou que “hoje eles são mais pensados e adequados ao movimento das atletas” e que na sua época, na década de 1980 “as jogadoras não opinavam sobre nada, os uniformes já vinham prontos para serem usados”. Ana Richa, por sua vez, ressaltou a importância do conforto e da padronização dos uniformes. Segundo Ana Richa, “a padronização do uniforme é fundamental para conferir senso de equipe à modalidade esportiva”, mas, “o conforto é fundamental para a performance da atleta”.

Dani Brito, entretanto, destacou que “existem modalidades esportivas cujos uniformes tendem a ser mais femininos do que outros” e que esses uniformes “foram diminuindo de tamanho, de acordo com a moda” havendo “uma uniformização”, como “se todas as mulheres fossem iguais”. A estilista frisou também que “o movimento é um fator fundamental que precisa ser analisado para conferir liberdade à mulher atleta” e reiterou a necessidade de haver “mais mulheres ligadas à criação dos uniformes” para diminuir equívocos que ainda acontecem, infelizmente.

O Mercado Profissional Esportivo para a Mulher

O mercado esportivo brasileiro cresceu em grande escala nos últimos anos e transformou-se em “ambiente social e/ou virtual propício às condições para troca de bens, serviços e performances atléticas com vista à transformação desses em produtos econômicos e simbólicos” (CORREIA; MELO; SOARES, 2020, p. 200). Em estudo realizado por Oliveira *et al.* (2018, p. 81), sobre os patrocinadores da Superliga de Voleibol na temporada 2017/2018, “em números totais, foram contabilizadas 65 empresas patrocinadoras na modalidade feminina contra 135 empresas patrocinadoras na modalidade masculina”, com uma predominância do setor industrial em termos de investimento.




Entretanto, se hoje existem muitas empresas interessadas em patrocinar a modalidade do voleibol feminino, nos anos 1980, as atletas jogavam com poucos recursos e, muitas vezes, tinham que se dividir entre jogar e trabalhar e/ou estudar. Foi na década de 1980 que houve a profissionalização do voleibol, com a chegada dos clubes-empresa, que permitiram a dedicação exclusiva das atletas ao desempenho da modalidade (TAVARES; MOURÃO, 2016).

A profissionalização das atletas de voleibol, entretanto, não ampliou, de forma satisfatória, o espaço de trabalho da mulher no território do esporte, principalmente, em postos de comando, como comenta a entrevistada Tatiana Ribas. Segundo a entrevistada houve “um crescimento expressivo de mulheres atletas em diferentes modalidades esportivas, mas não houve uma proporcionalidade em relação aos cargos técnicos”. A entrevistada complementa afirmando que “a gestão esportiva ainda é muito dominada por homens” e que segundo estudo recente deverá levar “99 anos para haver uma paridade entre homens e mulheres em termos de gestão esportiva”. Logo, parece consenso que a mulher ainda desempenha um papel secundário afastado das decisões que dizem respeito diretamente a elas, como atletas profissionais.

A Midiatização da Mulher-Atleta

Recentemente, por ocasião dos Jogos Olímpicos realizados em Tóquio (2021), as atletas da seleção de ginástica artística da Alemanha protestaram contra a sexualização de seus corpos ao se apresentarem de “full-body suit” no maior evento do esporte, em rede mundial. Ainda em 2021, as atletas da seleção norueguesa de handebol de praia jogaram de “short” contrariando a determinação da Federação da Noruega de Handebol de Praia, que determinou que as atletas deveriam jogar de biquini. A troca do uniforme resultou em multa e também teve repercussão de âmbito mundial e até a cantora norte-americana Pink se ofereceu para pagar a multa (TAVARES; BRAIDA, 2021).

Outra manifestação que também teve bastante repercussão midiática no Brasil foi o protesto da atleta de vôlei de praia, Carol Solberg, que reclamou da imposição determinada pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) sobre o uso de biquini nas competições. De acordo com a atleta trata-se de uma imposição machista e que, na realidade, esse tema deveria ser discutido e decidido pelas atletas de vôlei de praia (TAVARES; BRAIDA, 2022). Sobre essa discussão, a entrevistada Ana



Richa, que também foi jogadora de vôlei de praia, disse que a “imposição não é legal” e que o “bom senso é fundamental para que essas discussões cheguem a bom termo para todos”, atletas e espectadores.

Segundo Schwier (2009, p. 105), “o esporte e as mídias mantêm estreitas ligações e a televisão contribui vinte e quatro horas por dia para que o esporte de ponta não passe despercebido pela sociedade” e, por essa razão, “os processos de apresentação de eventos esportivos acontecem em diferentes níveis, mas estão relacionados entre si”. Segundo a jornalista Renata Miranda, a questão do impacto midiático provocado pelo uso de uniformes esportivos usados por mulheres está centrada “na objetificação do corpo da mulher”, que, em grande medida, alimentado pela mídia, faz com que as “escolhas relacionadas ao corpo feminino aconteçam sob uma perspectiva masculina” e que essas discussões são fundamentais para que ocorra a queda desse paradigma.

Figura 4: Uniformes no centro da polêmica nas Olimpíadas, 2021.



Fonte: <https://olive.com.br/selecao-feminina-de-handebol-da-noruega-se-recusa-a-usar-biquini-em-jogos-e-e-multada-r-92-mil>.

Acesso em: 5 set. 2022.


Considerações Finais

Mulher, esporte moda formam um tripé importante em tempos de necessária discussão sobre a atuação da mulher na sociedade. Se alguns avanços têm sido notórios desde a década de 1960, recentemente, algumas pautas de caráter bastante machistas têm sido evocadas. Assim, o objetivo central deste artigo foi sintetizar ideias sobre o uso dos uniformes esportivos por mulheres, aspectos de desenho e modelagem desses uniformes, bem como, expandir a discussão sobre a profissionalização da mulher no cenário desportivo e na mídia. Para isso, organizou-se um evento onde cinco mulheres foram entrevistadas para discutirem esses temas.

Verificou-se que o uso de uniformes por mulheres no esporte ainda demanda bastante discussão, pois a opinião da atleta é quase sempre secundarizada. Além da ausência de razão para que isso se dê, uma vez que são as atletas as maiores interessadas em usarem uma vestimenta que as ajude no desempenho de suas performances, é a perda de uma oportunidade preciosa para que o desenho de moda se aproxime de seu público-alvo. Certamente, para além da performance, o uniforme esportivo expressa também uma mensagem não só de identidade de um time e/ou seleção, ou publicitária, mas, de como aquela mulher e seus corpos são muitas vezes sexualizados propositadamente.

Neste sentido, outro aspecto que concorre para a discussão é como o uniforme esportivo tem sido midiático ao longo das últimas décadas, com a exploração da imagem da mulher em ação no campo desportivo, muitas vezes, exacerbadamente destacando partes do corpo, o qual está no exercício de suas atividades profissionais. Esse é um caminho que parece longo a percorrer, mas que com o uso crescente das redes sociais, as próprias atletas adquirem maior controle sobre as imagens que compartilham.

Por fim, é importante destacar que o uniforme esportivo envolve questões não só de vestir o corpo para uma competição, mas vesti-lo segundo critérios técnicos, estéticos, identitários, comerciais e, cada vez mais, sensíveis, pelo alto poder de conteúdos implícitos e explícitos que evocam. Assim, verifica-se que os uniformes se constituem como objetos simbólicos e de poder, e são muito mais do que uma simples vestimenta, pois estão marcados pelos aspectos socioculturais e, muitas vezes, pelo lamentável machismo estrutural presente na nossa sociedade até os dias de hoje.



Referências

AFONSO, G. **Voleibol de praia**: uma análise sociológica da história da modalidade (1985 – 2003). Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, 2004.

BERNARD, M. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL – CBV. **Curso para treinadores**, nível II, Vitória da Conquista, BA, 2018.

CORREIA, C. A. J.; MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G. Mercado esportivo e escolarização de mulheres atletas. **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, p. 199-217, 2020.

GAGO, J. **Moda e sedução**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

KOCH, R. **Tie-Break**: a saga dourada do vôlei masculino do Brasil. Porto Alegre: Editora Dora Luzzatto, 2005.

OLIVEIRA, M. H. de; SANTOS, A.; NASCIMENTO, A. S. do; TOLEDO, E. I.; MAZZEI, L. C. O patrocínio no voleibol brasileiro: um estudo sobre as equipes participantes da temporada 2017/2018 da Superliga. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 71-88, jan./abr. 2018.

ROMARIZ, S. B. de. **Mulheres e homens no voleibol de rendimento**: práticas e representações. 2010, 114f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

SCHWIER, J. A midiatização do esporte. *In*: MALINA, A.; CESARIO, S. (Orgs.). **Esporte**: fator de integração e inclusão social? Campo Grande, MS: Editora UFMS. p. 105-118, 2009.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. *In*: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 19-31.

SOARES, C. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TAVARES, Marcelo Ribeiro; MOURÃO, Ludmila Nunes. **Mulheres em manchete**: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

TAVARES, Marcelo Ribeiro; BRAIDA, Frederico. Penalização, protesto e imposição: a discussão de três casos emblemáticos de uniformes esportivos femininos e suas repercussões na mídia. *In*: COSTA, E.; FELIZ, J. (Orgs.). **Comunicação e cultura**: processos contemporâneos 2. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022, p. 82-96. Disponível em: <https://www.arenaeditora.com.br/post-artigo/65642>. Acesso em: 16 jul. 2022.

TAVARES, Marcelo Ribeiro; BRAIDA, Frederico. Uniformes esportivos: uma discussão sobre a mulher na mídia. *In: XIV Simpósio Nacional da ABCiber* - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2021, online. XIV Simpósio Nacional da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2021a. v. 1. p. 1-24. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber14/paper/view/1718/828>. Acesso em: 16 jul. 2022.

